

JOHN BOYNE

O PACIFISTA

Tradução:
LUIZ ANTÔNIO DE ARAÚJO



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2011 by John Boyne

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original
The Absolutist

Capa
warrakloureiro

Foto de capa
© General Photographic Agency/ Getty Images

Preparação
Julia de Souza

Revisão
Renata Lopes Del Nero
Luciana Baraldi

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Boyne, John

O pacifista / John Boyne ; tradução Luiz Antônio de Araújo. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2012.

Título original: The absolutist.
ISBN 978-85-359-2193-9

1. Ficção irlandesa I. Título.

12-12491

CDD-ir823.9

Índice para catálogo sistemático:
1. Ficção : Literatura irlandesa ir823.9

2012

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone (11) 3707-3500
Fax (11) 3707-3501
www.companhiadasletras.com.br
www.blogdacompanhia.com.br

TOMBLAND

NORWICH, 15-16 DE SETEMBRO DE 1919

Sentada à minha frente no vagão, a senhora idosa de estola de pele de raposa recordava alguns homicídios que havia cometido ao longo dos anos.

“Houve o vigário de Leeds”, ela disse, sorrindo um pouco enquanto batia o indicador no lábio inferior. “E a solteirona de Hartlepool, cujo trágico segredo provaria a sua perdição. A atriz de Londres, é claro, que se juntou com o marido da irmã logo depois que ele voltou da Crimeia. Era uma figurinha leviana, ninguém pode me incriminar por isso. Mas a empregada doméstica da Connaught Square, eu cheguei a lamentar tê-la matado. Uma moça trabalhadora de boa cepa nortista, que talvez não merecesse um fim tão violento.”

“Essa é uma das minhas prediletas”, eu disse. “Se a senhora me perguntar, ela teve o que merecia. Lia cartas que não lhe pertenciam.”

“Eu o conheço, não?”, ela perguntou, inclinando o corpo, estreitando os olhos em busca de traços familiares no meu rosto. Uma penetrante combinação de lavanda com creme facial, a boca viscosa de batom vermelho. “Eu já o vi em algum lugar.”

“Eu trabalho para o sr. Pynton na Whisby Press. Meu nome é Tristan Sadler. Nós nos conhecemos num almoço literário há alguns meses.” Estendi a mão e ela a olhou um instante, como se não soubesse o que esperar dela, antes de apertá-la com cautela, sem envolver totalmente seus dedos nos meus. “A senhora deu uma palestra sobre venenos indetectáveis”, acrescentei.

Ela assentiu rapidamente: “Sim, agora me lembro. O senhor estava com cinco livros e queria todos autografados. Fiquei admirada com o seu entusiasmo”.

Eu sorri, lisonjeado por ela se lembrar. “Sou um fã declarado”, confessei, e a mulher inclinou graciosamente a cabeça, um gesto que devia ter aperfeiçoado durante os trinta anos que passara recebendo elogios dos leitores. “Assim como o sr. Pynton. Ele falou várias vezes em tentar atraí-la para a nossa editora.”

“É, eu conheço Pynton.” Ela deu de ombros. “Sujeitinho asqueroso. Uma halitose terrível. Não sei como o senhor aguenta ficar perto dele. Mas entendo porque ele o empregou.”

Confuso, eu enruguei a testa, e ela me endereçou um leve sorriso.

“Pynton gosta de viver cercado de coisas bonitas”, ela explicou. “O senhor deve ter percebido isso no seu gosto por obras de arte e aqueles sofás ornamentais que parecem saídos do ateliê de um modista parisiense. O senhor me lembra o seu último assistente, aquele escandaloso. Mas não, não há a menor chance, lamento. Estou há mais de trinta anos com o meu editor e me sinto muito satisfeita.”

Ela reclinou-se com expressão glacial, e eu compreendi que havia me colocado em situação embaraçosa ao transformar aquela conversa agradável em uma possível transação comercial. Olhei pela janela, constrangido. Consultando o relógio, vi que estávamos quase uma hora atrasados, e agora o trem acabava de parar outra vez sem nenhuma explicação.

“É justamente por isso que eu não vou mais à cidade”, ela declarou abruptamente enquanto se esforçava para abrir a janela, pois o vagão estava começando a ficar abafado. “A gente simplesmente não pode confiar nas estradas de ferro para voltar para casa.”

“Espere, eu a ajudo, senhora”, disse o rapaz sentado junto a ela, que vinha namorando aos sussurros a garota ao meu lado desde que partimos da Liverpool Street. Levantou-se, inclinou-se, exalou uma brisa de suor, e puxou a janela com força. Esta se abriu com um tranco, deixando entrar uma torrente de ar quente e vapor de locomotiva.

“O meu Bill tem muito jeito com coisas mecânicas”, riu a garota, cheia de orgulho.

“Deixe disso, Margie”, disse o rapaz com um sorriso apagado, ao sentar-se.

“Ele consertava motores durante a guerra, não é, Bill?”

“Já mandei parar com isso, Margie”, repetiu ele com mais frieza e, ao que nossos olhos se encontraram, nós nos examinamos por um momento, mas logo desviamos a vista.

“É só uma janela, meu bem”, grunhiu a escritora com um *timing* impecável.

Admirou-me que os nossos três companheiros tivessem demorado mais de uma hora para tomar conhecimento da presença uns dos outros. Isso me trouxe à memória a história dos dois ingleses que, após um naufrágio, passaram cinco anos sozinhos numa ilha deserta e nunca trocaram uma palavra, pois não tinham sido devidamente apresentados.

Passados vinte minutos, o trem se pôs em movimento e nós seguimos viagem, chegando finalmente a Norwich com mais de uma hora e meia de atraso. O jovem casal desembarcou primeiro, num alvoroço de impaciência histérica e risadinhas de “vamos correndo para o nosso quarto”, e eu ajudei a romancista com a mala.

“O senhor é muito gentil”, observou ela distraidamente, correndo os olhos pela plataforma. “O meu motorista deve estar aqui para me ajudar no resto do caminho.”

“Foi um prazer encontrar com a senhora”, eu disse, sem arriscar outro aperto de mão, mas oferecendo-lhe um desajeitado aceno de cabeça, como se ela fosse a rainha e eu, um súdito leal. “Não tive intenção de constrangê-la na viagem. Só queria dizer que o sr. Pynton desejaria ter escritores do seu calibre na nossa lista.”

Ela sorriu — *eu sou relevante*, disse sua expressão, *eu tenho importância* — e se foi, seguida pelo motorista uniformizado. Mas eu fiquei onde estava, em meio ao apressado vaivém nas

plataformas, perdido entre as pessoas, totalmente só na movimentada estação ferroviária.

Emergi das enormes paredes de pedra da Estação Thorpe, me deparei com uma tarde inesperadamente clara e descobri que a rua em que iria me hospedar, a Recorder Road, ficava a poucos passos dali. No entanto, ao chegar, fiquei decepcionado, pois o meu quarto ainda não estava arrumado.

“Puxa vida”, disse a proprietária, uma mulher magra de tez pálida e áspera. Ela tremia, eu reparei, embora não estivesse fazendo frio, e retorcia nervosamente as mãos. Era bem alta. O tipo da mulher que se destaca na multidão por sua estatura inesperada. “Acho que lhe devo um pedido de desculpas, senhor Sadler. Aqui houve uma grande confusão o dia todo. Nem sei explicar o que aconteceu.”

“Eu escrevi, senhora Cantwell”, retruquei, tentando suavizar o tom de irritação que se revelava em minha voz. “Disse que ia chegar pouco depois das cinco. Já passam das seis.” Apontei com a cabeça para o antigo relógio que estava no canto, atrás do balcão. “Não quero ser desagradável, mas...”

“O senhor não está sendo desagradável”, ela se apressou em responder. “O quarto deveria estar pronto para o senhor há horas, só que...”. Sua voz sumiu e, enquanto mordida o lábio e desviava a vista, enrugou a testa numa série de vincos fundos. Parecia incapaz de me olhar nos olhos. “Tivemos um bocado de atribulações esta manhã, senhor Sadler, essa é a verdade. No seu quarto. Ou melhor, no que ia ser o seu quarto. É provável que agora o senhor não o queira mais. Eu não iria querer. Só não sei o que fazer, sinceramente, não sei. Não posso me dar ao luxo de deixá-lo vago.”

A sua agitação era evidente e, embora eu estivesse com a mente mais ou menos focada nos meus planos para o dia seguinte, fiquei preocupado com a mulher. Já estava a ponto de perguntar se podia fazer alguma coisa para ajudar quando

uma porta se abriu às suas costas e ela se virou. Apareceu um rapaz de uns dezessete anos, que eu tomei por seu filho: tinha olhos e lábios parecidos com os dela, mas sua pele era bem pior, marcada pela acne típica da idade. Ele hesitou, me examinou um instante antes de se voltar, frustrado, para a mãe.

“Eu disse para você me chamar quando o cavalheiro chegasse, não disse?”, ele disse, encarando-a.

“Mas ele acabou de chegar, David, neste minuto”, ela protestou.

“É verdade”, confirmei, sentindo uma curiosa necessidade de defendê-la. “Eu acabei de chegar.”

“Mas você não me chamou”, insistiu o garoto com a mãe. “O que você contou a ele, afinal?”

“Ainda não contei nada”, respondeu, voltando-se para mim com uma expressão que indicava que ela poderia chorar se continuasse sendo maltratada. “Eu não soube o que dizer.”

“Peço desculpas, senhor Sadler”, disse o rapaz, virando-se para mim com um sorriso de cumplicidade, como se insinuasse que ele e eu éramos o tipo de pessoa que sabia que nós, homens, devíamos cuidar dos problemas pessoalmente, e que nada neste mundo podia dar certo se estivesse nas mãos das mulheres. “Eu queria estar aqui para recebê-lo. Pedi para a minha mãe me avisar assim que o senhor chegasse. Achávamos que o senhor chegaria mais cedo.”

“Sim”, concordei, explicando o atraso do trem. “Mas, palavra, eu estou cansado e gostaria de ir para o quarto imediatamente.”

“Claro, senhor”, disse ele, engolindo em seco e olhando para o balcão de recepção como se todo o seu futuro estivesse estampado na madeira; ali no veio se achava a garota com que iria se casar; mais além, os filhos que eles teriam; aqui as brigas e o sofrimento que um infligiria ao outro. A mãe tocou-lhe o braço de leve e cochichou algo em seu ouvido, e ele sacudiu rapidamente a cabeça, dizendo-lhe entre os dentes que ficasse quieta. “É tudo uma confusão”, explicou, erguendo subita-

mente a voz para dirigir-se a mim. “O senhor deveria ficar no número quatro, entende? Mas infelizmente agora o número quatro não está disponível.”

“Neste caso, eu não posso ficar em outro quarto?”

Ele sacudiu a cabeça. “Oh, não, senhor. Não, todos estão ocupados, infelizmente. O senhor iria ficar no número quatro. Mas ele não está pronto, esse é o problema. Se o senhor nos pudesse dar algum tempo a mais para arrumá-lo...”

Ele saiu de trás do balcão e eu pude vê-lo melhor. Embora fosse apenas alguns anos mais moço que eu, sua aparência sugeria um menino fingindo ser adulto. Usava uma calça masculina um pouco comprida para ele — cuja barra estava enrolada e presa com alfinete — e uma combinação de camisa, gravata e colete que pareceria menos esquisita num homem bem mais velho. Os primórdios de um bigode, desfiados, formavam uma tímida linha sobre o lábio superior, e eu hesitei por um momento em decidir se aquilo se tratava mesmo de um bigode ou se não passava de sujeira, de uma mancha que escapara à higiene matinal. Apesar de seus esforços para parecer mais velho, sua juventude e inexperiência eram óbvias. Ele certamente não conhecia o mundo como nós.

“David Cantwell”, disse depois de algum tempo, estendendo a mão.

“Isso não está certo, David”, atalhou a sra. Cantwell, ruborizando furiosamente. “O cavalheiro vai ter de passar a noite em outro lugar.”

“Então me diga onde”, perguntou o rapaz, virando-se para ela, com a voz elevada, um senso de injustiça marcando-lhe o tom. “Você sabe que está tudo lotado. Portanto, aonde eu devo mandá-lo, isso eu não sei. Para o Wilson? Lotado! Para o Dempsey? Lotado! Para o Rutherford? Lotado! Nós temos um dever, mamãe. Temos um dever para com o senhor Sadler e precisamos cumpri-lo, do contrário vamos passar vergonha, e será que já não passamos vergonha suficiente por hoje?”

Admirado com o rompante agressivo, imaginei como de-

via ser a vida daquelas duas almas tão desencontradas. Um garoto e a mãe, compartilhando a solidão da pensão desde que ele era criança, pois seu marido, decidi, tinha morrido anos antes num acidente com uma debulhadora. O menino era muito pequeno para se lembrar do pai, é claro, mas o venerava mesmo assim, e nunca perdoara inteiramente a mãe por obrigar o pobre homem a trabalhar de sol a sol. Então estourou a guerra e ele era muito novo para combater. Tentou se alistar e caçoaram dele. Chamaram-no de garotinho valentão e o mandaram voltar dali a alguns anos, quando já tivesse algum pelo no peito; caso aquele inferno ainda não houvesse acabado, então pensariam no seu caso. E David voltou-se para a mãe e sentiu desprezo por sua expressão de alívio quando soube que ele não ia a lugar nenhum, pelo menos por ora.

Na época, eu vivia imaginando histórias assim, sempre à procura de circunstâncias emaranhadas no matagal dos meus enredos.

“Senhor Sadler, faça o favor de desculpar o meu filho”, pediu a sra. Cantwell, inclinando-se, com as mãos espalmadas no balcão. “Ele é meio irritável, como o senhor pode ver.”

“Não é nada disso, mãe”, teimou David. “Nós temos um dever”, repetiu.

“E gostaríamos de cumprir o nosso dever, é claro, mas...”

Não ouvi suas últimas palavras, pois o jovem me agarrou pelo cotovelo, surpreendendo-me com a intimidade do gesto, e eu me afastei quando ele mordeu o lábio, olhando com nervosismo à sua volta antes de me dizer em voz baixa:

“Senhor Sadler, podemos conversar em particular? Garanto que não é assim que eu costumo lidar com as coisas aqui. O senhor deve ter tido uma péssima impressão. Mas vamos para o salão. No momento, está vazio e...”

“Está bem”, eu disse, pondo minha mala no chão em frente ao balcão da sra. Cantwell. “Posso deixar isto aqui?”, perguntei, e ela fez que sim, engolindo em seco, esfregando uma vez mais aquelas mãos abençoadas e dando a impressão de que

preferia morrer dolorosamente naquele mesmo instante a continuar conversando comigo. Acompanhei seu filho até o salão, em parte curioso pelo excesso de preocupação que se ostentava, em parte ofendido com isso. Estava cansado da viagem e tão cheio de emoções conflitantes a respeito do motivo que me levava a Norwich que queria apenas ir para o meu quarto, fechar a porta e ficar sozinho com os meus pensamentos.

A verdade é que não sabia nem se conseguiria levar a cabo meus planos para o dia seguinte. Sabia que, a partir de seis e dez, saíam trens para Londres de duas em duas horas, de modo que havia quatro à minha disposição antes da hora do meu encontro.

“Que confusão”, disse David Cantwell, assobiando um pouco entre os dentes ao fechar a porta. “E mamãe não facilita nada as coisas, não acha, senhor Sadler?”

“Olhe, que tal o senhor simplesmente me explicar o problema?”, propus. “Eu mandei um vale postal com a minha carta a fim de reservar o quarto.”

“Claro que mandou, claro que sim. Eu mesmo fiz a reserva. Nós íamos hospedá-lo no número quatro, entende? A decisão foi minha. O número quatro é o quarto mais tranquilo e, embora o colchão esteja um pouco grumoso, a cama tem boas molas e muitos hóspedes comentam que é muito confortável. Eu li a sua carta, e o tomei por um homem do exército. Acertei, senhor?”

Eu vacilei um instante, depois assenti secamente. “Fui. Não sou mais, é claro. Desde que terminou.”

“O senhor viu muita ação?”, perguntou ele com os olhos brilhando, e eu senti que minha paciência estava começando a se esgotar.

“O quarto. Vou ficar com ele ou não?”

“Ora, senhor”, disse David, desapontado com a minha resposta. “Depende do senhor.”

“Como assim?”

“No momento, a nossa menina, Mary, está lá em cima

desinfetando tudo. Ela reclamou, não vou esconder, mas eu disse que é o meu nome que está ali na porta, não o dela, e ela vai fazer o que eu mandei se quiser continuar no emprego.”

“Eu pensei que fosse o nome da sua mãe”, disse eu, provocando-o um pouco.

“Bom, é meu também”, disparou David com indignação, seus olhos saltando das órbitas quando me encarou. “Em todo caso, vai estar praticamente novo quando ela terminar, isso eu garanto. Mamãe não quis lhe contar nada, mas como o senhor é militar...”

“Ex-militar”, corrigi.

“Sim, senhor. Bem, eu creio que seria falta de respeito da minha parte não lhe contar o que aconteceu lá antes que o senhor decida.”

Isso me deixou intrigado, e uma variedade de possibilidades me veio à mente. Um assassinato talvez. Um suicídio. Um marido fujão surpreendido por um detetive particular nos braços de outra mulher. Ou algo menos dramático: um cigarro aceso ateando fogo a um cesto de papel. Um hóspede fugindo de madrugada sem pagar a conta. Mais emaranhamentos. Mais terra inculta.

“Eu quero decidir, mas se eu pudesse...”

“Ele já tinha se hospedado aqui, é claro”, interrompeu-me o rapaz com voz mais animada, preparando-se para me contar tudo do começo ao fim. “O senhor Charters, esse é o nome dele. Edward Charters. Sempre me pareceu um sujeito muito distinto. Trabalha num banco em Londres, mas sua mãe vive num lugar qualquer no caminho de Ipswich e, geralmente, quando a visita, passa uma ou duas noites em Norwich antes de voltar para a capital. Nessas ocasiões, sempre se hospeda aqui. Nós nunca tivemos problemas com ele, senhor. Um perfeito cavalheiro, muito reservado. Bem vestido. Sempre pedia o número quatro porque sabia como o quarto era bom, e eu ficava feliz em agradá-lo. Sou eu que distribuo os quartos, senhor Sadler, não a minha mãe. Ela confunde os números e...”

“E o tal senhor Charters se recusou a sair do quarto mais cedo?”

David sacudiu a cabeça, “Não, senhor”.

“Então houve um acidente ou coisa assim? Ele adoeceu?”

“Não, nada disso. Nós lhe demos uma chave, entende? Caso ele voltasse tarde. Nós costumamos dar uma chave aos clientes especiais. Isso eu autorizo. Seria perfeitamente normal dar uma ao senhor, é claro, um ex-militar. Eu também queria me alistar, mas não me deixaram por causa da...”

“Por favor”, atalhei. “Será que não podemos nos limitar a...”

“Sim, desculpe, senhor. É uma coisa um pouco desagradável, só isso. Nós dois somos homens do mundo, não somos, senhor Sadler? Posso falar abertamente?”

Dei de ombros. Eu supunha que era. Mas, sinceramente, não sabia ao certo o que significava a expressão “homem do mundo”.

“Acontece que houve uma espécie de comoção de manhã cedo”, prosseguiu ele, baixando a voz e se inclinando de modo conspirativo. “Acordou a casa inteira, ah, se acordou! Desculpe-me”, ele disse, sacudindo a cabeça. “Descobrimos que o senhor Charters, que nós considerávamos um cavalheiro tranquilo e decente, não era nada disso. Saiu ontem à noite, mas não voltou sozinho. E nós somos rigorosos com essas coisas, é claro.”

Não pude deixar de sorrir. Que bobagem! Então era por isso que tínhamos passado os últimos quatro anos nos esbodegando? “Isso é tudo?”, perguntei, imaginando um homem solitário, atencioso com a mãe que vivia em Ipswich, que acabou arranjando companhia feminina naquela noite, talvez inesperadamente, e se deixou levar pelos instintos mais primários. Não era motivo de tanto estardalhaço.

“Não, senhor”, respondeu David. “Porque a... digamos, a pessoa que veio com o senhor Charter era nada menos que assaltante. Roubou-o e, quando ele protestou, encostou uma

faca na sua garganta, e assim armou-se a grande confusão. Mãe acordou, eu acordei, os outros hóspedes saíram ao corredor de pijama. Nós batemos na porta e, quando a abrimos...” Ele parecia não saber se devia continuar ou não. “Chamamos a polícia, é claro”, acrescentou. “E os dois foram presos. Mas mamãe ficou arrasada com o episódio. Acha que agora o estabelecimento está arruinado. Anda falando em vendê-lo, o senhor acredita? Em voltar para o vilarejo dela no West Country.”

“Tenho certeza de que o senhor Charters também ficou arrasado”, disse eu, sentindo uma ponta de simpatia pelo homem. “Coitado. Entendo que a moça tenha sido presa, é claro, já que foi violenta, mas ele por quê? Decerto não se trata de uma questão de moralidade.”

“Como não, senhor?”, disse David, apurando o corpo e mostrando-se decididamente ofendido. “Claro que é uma questão de moralidade.”

“Mas, pelo que pude entender, ele não transgrediu nenhuma lei. Não vejo motivo para que seja incriminado pelo que, afinal de contas, não passa de uma indiscrição pessoal.”

“Senhor Sadler”, disse David calmamente. “Vou dizê-lo com todas as letras, pois parece que o senhor não me compreendeu bem. A pessoa que o senhor Charters trouxe para cá não era uma moça, eu temo dizer. Era um homem.” Ele balançou a cabeça, endereçando-me um olhar de cumplicidade, e eu corei e desviei a vista.

“Ah”, eu disse, assentindo lentamente. “Sei, sei. Entendo.”

“Então o senhor compreende que a minha mãe esteja tão aflita. Se a notícia se espalhar...” Ele ergueu os olhos de pronto, como se acabasse de se dar conta de algo importante. “Eu confio na sua discrição com relação a isso. Nós precisamos ganhar a vida.”

“O quê?”, perguntei, encarando-o em imediata concordância. “Ah, sim, claro. Isso não é da minha... bom, isso não é da conta de ninguém, só de vocês.”

“Mas resta a questão do quarto”, disse ele com delicadeza. “Se o senhor quer ficar nele ou não. Como eu já disse, está sendo cuidadosamente desinfetado.”

Pensei um pouco e não vi o menor problema. “Isso não me incomoda, senhor Cantwell”, respondi. “Lamento as suas dificuldades e a aflição da sua mãe, mas, se o quarto ainda estiver vago para esta noite, eu continuo precisando de uma cama.”

“Então está tudo resolvido”, alegrou-se o rapaz, abrindo a porta e tornando a sair. Eu o segui, um tanto surpreso com a rapidez com que nossa conversa terminara, e encontrei a mãe ainda atrás do balcão, seus olhos apontando alternadamente para mim e para David.

“O senhor Sadler compreende tudo perfeitamente”, anunciou o filho. “E se dispõe a usar o quarto, apesar de tudo. Eu disse que fica pronto dentro de uma hora. É isso mesmo, não?”. Falou com a mãe como se já fosse o dono da casa e ela, sua empregada.

“Claro, David”, concordou a mulher com alívio na voz. “É muita bondade sua, cavalheiro, se o senhor me permite dizer. Tenha a gentileza de assinar o registro.”

Eu fiz que sim e, debruçando-me sobre o balcão, escrevi cuidadosamente meu nome e endereço no livro; um pouco de tinta espirrou no papel enquanto eu lutava para controlar a caneta com a mão direita, que tremia.

“Pode esperar no salão, se quiser”, disse David, encarando admirado o meu indicador tremelicante. “Mas há uma taberna muito respeitável aqui perto, caso o senhor prefira beber alguma coisa para descansar da viagem.”

“É, acho que sim”, eu disse, devolvendo cautelosamente a caneta ao balcão, ciente da bagunça que havia feito e encaulado por isso. “Posso deixar a mala aqui, por enquanto?”

“Claro que pode.”

Inclinei-me, tirei o meu livro da mala, tornei a fechá-la e consultei o relógio ao me levantar.